

CONTRIBUIÇÕES DA ABORDAGEM SOCIOMATERIAL PARA OS ESTUDOS DE CRIATIVIDADE ORGANIZACIONAL

JOSÉ EDEMIR DA SILVA ANJO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)

Agradecimento à órgão de fomento:

O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes)

Contribuições, Desafios e Potencialidades da Abordagem Sociomaterial para os Estudos de Criatividade Organizacional

1. Considerações Iniciais

Questões relacionadas à criatividade e inovação organizacional, economia e cultura na sociedade contemporânea têm emergido em discussões teóricas e empíricas no campo das ciências sociais aplicadas. Diante dessa interdisciplinaridade e variedade conceitual, o presente estudo se ancora nos pressupostos teóricos da abordagem sociomaterial para sustentar a noção de criatividade como uma prática sociomaterial (Tanggaard, 2013; Anjo & Tureta, 2022).

Sob a perspectiva das teorias da prática presentes nos Estudos Organizacionais e de Gestão — ou Management and Organization Studies (MOS), assume-se que a realidade é socialmente construída. Considera-se que a vida social emerge de forma contínua nas ações cotidianas e que os fenômenos sociais, por não serem independentes, devem ser investigados a partir da relação recursiva e reflexiva entre essas ações (Feldman & Orlikowski, 2011). No campo das práticas sociais, considera-se a união de diversos elementos humanos (corpo e mente) e não humanos (objetos) como constituintes das ações. Assim, as práticas são constituídas sociomaterialmente (Orlikowski, 2007).

Ao adotar uma perspectiva sociomaterial para a criatividade organizacional, é possível aprofundar a compreensão sobre a relação imbricada entre atores não humanos (objetos, artefatos) e atores humanos na formação do conhecimento sensível, o que contribui para a construção cultural, social e material do processo criativo (Moura & Bispo, 2019). Portanto, defende-se que as investigações sobre criatividade devem concentrar-se no processo criativo em si, considerando seu caráter social, situacional e material (Nørgaard & Tanggaard, 2023).

O crescente interesse por organizações criativas, aqui compreendidas como setores da indústria criativa (Caves, 2000) — decorre do reconhecimento de seu impacto não apenas econômico, mas também social, cultural e na inovação organizacional (Anderson, Potočnik & Zhou, 2014). Os estudos sobre criatividade têm ganhado destaque especialmente após a virada do século, como demonstrado por pesquisas bibliométricas, como a de De-Marchis & Shchebetenko (2024), que mapearam investigações sobre criatividade no contexto da União Europeia.

Com os avanços teóricos que tratam a criatividade como um fenômeno sociocultural (Glăveanu et al., 2019), sabe-se que o processo criativo não ocorre de maneira linear, apesar dos esforços para compreender suas etapas (ver Amabile & Pratt, 2016). A criatividade, como fenômeno complexo, envolve aspectos psicológicos, sociais e materiais (físicos e incorporados). Dessa forma, elementos como o ambiente, a tecnologia e a disposição de materiais influenciam diretamente o ato criativo, concebido como um processo dinâmico e contínuo (Glăveanu, 2014).

Esses estudos chamam atenção para a multiplicidade de perspectivas sobre criatividade. Sternberg, Glăveanu e Kaufman (2024) discutem convergências e divergências em torno da forma como compreendemos, pesquisamos e buscamos fomentar a criatividade. Entre abordagens individuais, coletivas, culturais e sociais, destacam-se também as abordagens materiais (Corazza & Glăveanu, 2020). Estes autores identificam potencialidades em cada uma dessas perspectivas para o avanço do campo de investigação. No presente estudo, interessa-nos especialmente explorar o potencial da perspectiva material, ou melhor, da criatividade como uma prática sociomaterial, nos estudos em gestão.

Embora os estudos que adotam a abordagem sociomaterial valorizem a materialidade e levem a agência material mais a sério do que grande parte da literatura anterior sobre criatividade organizacional, ainda não há um consenso consolidado. Nesse contexto, o objetivo

deste artigo é apresentar e compreender as contribuições da abordagem sociomaterial para os estudos de criatividade organizacional. Para isso, foi utilizada a metodologia de revisão integrativa (Torraco, 2005), como forma de garantir maior rigor à discussão e fomentar o debate sobre a articulação entre criatividade e práticas sociomateriais.

Após estas considerações iniciais, o artigo segue com uma seção dedicada à dimensão material na pesquisa sobre criatividade organizacional, antecedendo a discussão sobre a abordagem sociomaterial. Posteriormente, são apresentadas reflexões sobre estudos que articulam criatividade distribuída e sociomaterialidade, finalizando com os desafios e possibilidades inerentes à “virada sociomaterial” nos estudos da criatividade.

2. Dimensão Material na Pesquisa sobre Criatividade Organizacional

A dimensão material tem sido explorada nas pesquisas organizacionais no contexto da chamada virada material, dado que a importância da materialidade vem sendo amplamente reconhecida (Boxenbaum et al., 2018). A ênfase nos aspectos materiais das organizações contemporâneas mobiliza os pesquisadores a investigar os desafios, limites e possibilidades dessa articulação.

Em consonância com esse movimento, Jones et al. (2016) apontam as organizações criativas como espaços organizacionais com potencial para evidenciar a materialidade. Segundo os autores, a materialidade estabiliza a criatividade em produtos culturais e deixa rastros, compreendidos como códigos semióticos, que favorecem a difusão de novas práticas criativas.

O Design Thinking, abordagem voltada à resolução de problemas organizacionais, tem sido utilizado como base teórica em estudos sobre criatividade organizacional, que dão certa atenção aos artefatos (Elsbach & Stigliani, 2018). Articulado à estética organizacional, Stephens e Boland (2015) exploram as possibilidades do conhecimento estético e ressaltam a relevância dos aspectos materiais na resolução de problemas complexos.

Práticas lúdicas ou “brincadeiras” há tempos são reconhecidas como recursos relevantes para estimular a criatividade organizacional (Cohendet & Simon, 2007). Nesse contexto, destaca-se o uso do LEGO® Serious Play® (LSP), uma prática estratégica para a criação de cenários organizacionais. Originalmente um brinquedo, o LSP é ressignificado como ferramenta que potencializa processos criativos e colaborativos (Roos & Victor, 2018). Tanto no Design Thinking quanto no uso do LEGO®, a resolução de problemas ocorre com o suporte de materiais físicos que contribuem para a simulação de soluções possíveis a determinados desafios de gestão. Apesar da interação direta com artefatos, muitos estudos ainda marginalizam o papel da materialidade nas análises.

Duff e Sumartojo (2017) se afastam das abordagens tradicionais da criatividade ao realizarem um estudo sobre identidade de gênero a partir do conceito de “*assemblage*” proposto por Deleuze e Guattari. Os autores questionam a centralidade do indivíduo no processo criativo, evidenciando um emaranhado de relações entre humanos e não humanos. Em sua investigação, revelam a agência do espaço organizacional, demonstrando que fatores como a iluminação natural influenciam a atividade e a interação humana. Apesar de reconhecerem a centralidade do humano, os autores ampliam a lente analítica ao incluir elementos não humanos na compreensão do processo criativo.

Boxenbaum et al. (2018) reiteram que um dos grandes desafios enfrentados pelas pesquisas organizacionais é a limitação teórica para compreender a materialidade em sua complexidade, especialmente diante do surgimento de novas ideias e inovações. Como resposta a esse desafio, a abordagem sociomaterial se apresenta como uma via teórica promissora para revelar, de forma mais densa, a materialidade nos estudos organizacionais.

A discussão sobre a abordagem sociomaterial no contexto dos estudos organizacionais é desenvolvida na próxima seção.

3. Notas sobre a Sociomaterialidade ao MOS

A abordagem sociomaterial emerge dos debates pós-humanistas e pós-estruturalistas nas ciências sociais, a partir de movimentos que passam a reconhecer a relevância e a agência da materialidade na constituição do social (Barad, 2003; Latour, 2005). Ao afirmar que “[...] não há social que também não é material, e não há material que não é também social”, Orlikowski (2007, p. 1437) contribui para a chamada “virada material” no campo de MOS, ao conferir protagonismo à dimensão material das práticas organizacionais. Mas, qual seria a motivação e o interesse em direcionarmos atenção à materialidade na investigação científica em MOS?

O interesse reside na tentativa de revelar o caráter dinâmico das relações entre atores humanos e não humanos. Assumir essa postura na condução de pesquisas organizacionais implica reconhecer que a prática organizacional é, por natureza, sociomaterial: humanos e não humanos são indissociáveis (Orlikowski, 2007). A teoria sociomaterial rejeita, portanto, o dualismo entre os atores humanos e os não humanos (tais como objetos, artefatos, tecnologias), assim como entre o social e o técnico.

As discussões em torno da abordagem sociomaterial já não são mais tratadas como uma novidade ou “the new black” (Jarzabkowski & Pinch, 2013). Ainda que críticas sejam dirigidas a seus fundamentos ontológico-epistemológicos, especialmente quanto à dificuldade de sustentar, de forma analítica, a noção de inseparabilidade nos estudos empíricos, essas críticas também questionam o uso excessivamente generalizado da linguagem (Leonardi, 2013; Parmiggiani & Mikalsen, 2013). Segue a Tabela 1 com as principais perspectivas sociomateriais.

Tabela 1

Perspectivas Sociomateriais

	Realismo Agencial	Realismo Crítico
Ontologia	Não há interação social separada da materialidade – existe apenas um "sociomaterial" fundido.	O contexto social e a materialidade existente são separados. O social e o material se torna "sociomaterial" quando as agências social e material imbricam.
Epistemologia	Os analistas fazem distinções arbitrárias sobre o que é "social" e o que é "material" (cortes agenciais) ao olhar para um todo unificado (“Sociomaterial”)	Analistas fazem determinações sobre como e por que o "social" separado do "material" se torna “Sociomaterial” e persiste dessa forma ao longo do tempo.
Materialidade	Não há materialidade. Há apenas sociomaterialidade	O arranjo de um artefato físico e / ou materiais digitais em formas particulares que perduram através das diferenças de tempo e espaço.
Social	Não há social. Existe apenas o sociomaterial.	Conceitos abstratos como normas, políticas, padrões de comunicação, etc.
Sociomaterialidade	A inseparabilidade inerente entre o material e o social.	

Unidade metodológica de análise e foco metodológico	A prática sociomaterial identifica quais implicações as práticas sociomateriais têm para os processos organizacionais	Promulgação de um determinado conjunto de atividades que fundem a materialidade com as instituições, normas, discursos e todos os outros fenômenos que a corrente define como "social".
Potenciais contribuições conceituais	Mostra como todos os processos organizacionais são sociomateriais e como o reconhecimento desse fato pode melhorar nossa teorização sobre eles. Demonstra que a organização ocorre na prática e que a prática não é nem social nem material; é de ambos.	As agências sociais e materiais identificam como o social e o material tornam-se o sociomaterial e que implicações que isso tem para a organização
		Mostra como organizações e tecnologias se tornam como são e por que as pessoas acham que devem ser assim. Move a tecnologia para um papel constitutivo nos processos organizacionais e no <i>organizing</i> , mostrando como a organização molda a tecnologia.

Nota. Fonte: Adaptado de Leonardi (2013, p. 74).

Apesar de divergências entre as correntes de pensamento sociomaterial como o realismo agencial e o realismo crítico, há um ponto de convergência fundamental: a rejeição à visão dualista (animado/inanimado) na representação e análise dos fenômenos. Essas abordagens, ora convergentes, ora distantes, contribuem para ampliar a compreensão da vida organizacional em sua complexidade, marcada por encontros, experiências e relações sociomateriais.

Ao apresentar essas perspectivas, não se pretende instaurar uma disputa entre abordagens, mas sim evidenciar que a sociomaterialidade oferece contribuições valiosas para a compreensão dos fenômenos organizacionais, bem como para outras áreas do conhecimento.

4. Percurso da Revisão Integrativa

A fim de alcançar o objetivo proposto neste estudo, foi realizada uma revisão integrativa. Ao propor um refinamento com rigor metodológico, a revisão integrativa permite que os pesquisadores realizem uma interpretação analítica aprofundada dos estudos, possibilitando a elaboração de uma síntese qualitativa sobre um tema de interesse. Com isso, fornece subsídios tanto para a proposição da estrutura do cenário vigente quanto para a construção de uma agenda futura (Torraco, 2005).

Para a realização de um estudo de revisão integrativa, diversos protocolos de pesquisa colaboram para assegurar o rigor científico, uma vez que, para se chegar à seleção final dos estudos, são tomadas uma série de decisões a priori.

Nesta revisão integrativa, foi adotado o protocolo PRISMA (Moher, Liberati, Tetzlaff & Altman, 2015). A utilização de um protocolo como o PRISMA assegura o rigor metodológico ao oferecer um roteiro padronizado, que orienta os pesquisadores na condução do estudo. Esse roteiro foi dividido em quatro etapas: (1) identificação, (2) seleção, (3) elegibilidade e (4) inclusão. A Figura 1 apresenta o fluxograma do protocolo utilizado.

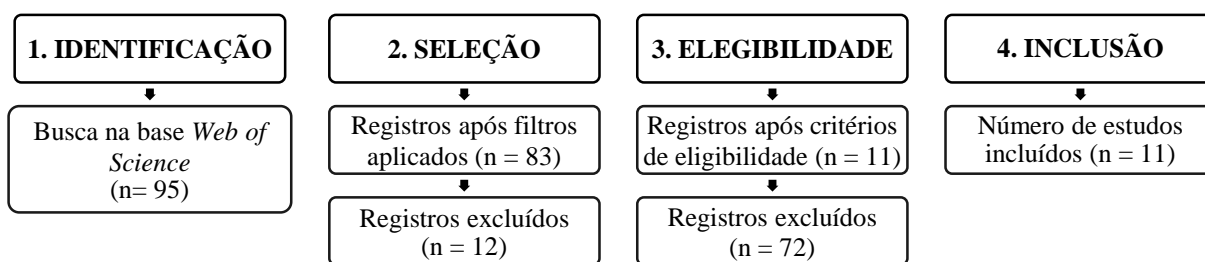


Figura 1. Roteiro da Pesquisa Baseado no Protocolo PRISMA

Fonte: adaptado de Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., & Altman, D. G. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *Annals of Internal Medicine*, 151(4), 264-269. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>

A identificação dos trabalhos foi realizada a partir da escolha da plataforma Web of Science, por se tratar de uma base de grande relevância para diversas áreas do conhecimento (Gusenbauer & Haddaway, 2020). Por meio da seguinte string de busca: TS=(Creativ*) AND TS=(Sociomaterial* OR socio-material), foram encontrados 95 documentos. Ao aplicar o filtro “tipo de documento = artigos”, o número foi reduzido para 83 artigos.

No segundo momento (seleção), os artigos foram revisados com base em seus títulos, resumos, palavras-chave e áreas de conhecimento. Após a leitura dos resumos, diversos artigos foram descartados por não estarem alinhados ao objetivo proposto neste estudo ou por não abordarem de forma adequada a temática da criatividade associada à sociomaterialidade.

A etapa de elegibilidade considerou apenas artigos empíricos. Após a leitura integral de 31 artigos, foram excluídos aqueles de natureza teórica ou que não tinham a discussão da proposta temática como foco central. Como resultado, foram incluídos 11 artigos empíricos, que estão descritos na Tabela 2.

Tabela 2

Artigos Selecionados para Revisão Integrativa

Autores/Ano	Campo de Pesquisa	Perspectiva Sociomaterial
Anjo e Tureta (2022)	Produção Cinematográfica	Realismo Agencial
Gantert, Fredrich, Bouncken e Kraus (2022)	<i>Makerspace</i>	Realismo Crítico
Kimmel e Hristova (2021)	Dança	Realismo Agencial
Kim e Zimmermann (2021)	Programas de Engenharia em Ambientes Informais de Aprendizagem	Realismo Agencial
Parolin e Pellegrinelli (2020)	Teatro	Realismo Agencial
Hvidtfeldt e Tanggaard (2019)	Festival de Música	Realismo Agencial

Hvidtfeldt e Tanggaard (2018)	Festival de Música	Realismo Agencial
Tan, Tan, Luh e Kung (2016)	Turismo Criativo	Realismo Crítico
Tanggaard (2015)	Vida Cotidiana	Realismo Agencial
Gander (2015)	Produção Musical	Realismo Agencial
Panourgias <i>et al.</i> (2014)	Jogos de computador	Realismo Agencial

Nota. Fonte: Elaborada pelo autor (2024).

Na próxima sessão são apresentados os resultados da revisão integrativa realizada.

5. Criatividade Sociomaterial: veredas de estudos para pesquisas em organizações

A produção acadêmica tanto sobre criatividade quanto sobre sociomaterialidade é dispersa, devido ao caráter interdisciplinar dessas áreas. Por isso, há uma carência de integração entre os estudos já realizados que propuseram tal articulação teórica. Neste tópico, são apresentadas e discutidas pesquisas que contribuem para o desenvolvimento desse debate.

A intersecção entre os estudos de criatividade e sociomaterialidade ganha força quando a criatividade passa a ser compreendida como distribuída. De acordo com sua natureza processual e interativa, o entendimento da criatividade distribuída implica em uma articulação entre artefatos (físicos e não físicos), espaços e pessoas. Esse conjunto de elementos sociais e materiais está interligado por meio de práticas criativas sociomateriais (Sawyer & DeZutter, 2009; Glăveanu, 2014).

Esse novo paradigma, oriundo dos estudos da psicologia sociocultural, representa um esforço de distanciamento das abordagens tradicionais, ainda predominantes, em torno da criatividade, o que Kimmel e Hristova (2021) denominam de abordagem “pós-mentalista”. Nesse novo enfoque, a criatividade emerge da articulação entre agentes sociais e materiais, sendo, portanto, distribuída em uma relação dinâmica.

Os *makerspaces* e os espaços de *coworking* surgem como ambientes organizacionais voltados à geração de ideias e à inovação. O caráter colaborativo desses espaços, marcados por um senso de comunidade e pelo compartilhamento, evidencia-se como interação sociomaterial, especialmente quando alinhado ao uso de novas tecnologias, que ampliam as possibilidades de aprimoramento das atividades realizadas (Bouncken, Ratzmann, Barwinski & Kraus, 2020; Gantert, Fredrich, Bouncken & Kraus, 2022). Esses ambientes incorporam valores emocionais e sociais que podem beneficiar organizações voltadas à inovação (Bouncken et al., 2020).

Ao constatar que a sociomaterialidade molda o ambiente de trabalho, Bouncken et al. (2020) a subdividem em aspectos espaciais estruturais recentes (como layouts e designs voltados à colaboração). Esses aspectos incluem tanto artefatos visíveis (ex.: mesas, cadeiras, computadores) quanto artefatos menos visíveis ou intangíveis (ex.: sistemas, fóruns, softwares de comunicação). O estudo de Panourgias, Nandhakumar e Scarbrough (2014) reforça esse argumento ao descrever a relação constitutiva entre o processo criativo e a tecnologia digital na construção de jogos eletrônicos, evidenciando como essa relação se estabiliza nas interações entre atores humanos e não humanos, no campo material e digital.

As práticas sociomateriais realizadas em espaços como *makerspaces* e *coworkings*, apesar de partirem da premissa da colaboração como potenciadora da criatividade, também podem apresentar restrições. Mudanças nos contextos podem afetar os atores humanos por meio

de impactos socioemocionais. Nesse sentido, o design organizacional está intrinsecamente ligado às práticas sociomateriais (Bouncken et al., 2020; Gantert et al., 2022).

Em particular, é necessário considerar a mobilidade e interatividade entre espaços abertos e privados. A privacidade, assim como a proximidade, é mediada por tecnologias e molda as conexões humanas. Bouncken et al. (2020) propõem, nesse contexto, a ideia de experimentar alterações nesses espaços com vistas à adaptabilidade diante do emaranhado de agências humanas e materiais, que são inseparáveis (Orlikowski, 2007).

Kim e Zimmermann (2021) destacam o crescente interesse de diversas áreas do conhecimento em promover a criatividade. No contexto educacional, evidenciam o valor dessa promoção, sobretudo em tempos recentes, em que práticas de engenharia e educação se aproximam cada vez mais da interação humano-máquina. Assim como Bouncken et al. (2020), os autores investigam o caráter colaborativo de práticas criativas e sociomateriais em famílias que participaram de atividades educativas com foco em engenharia, realizadas em bibliotecas e museus.

A ideia de que o social e o material se co-constituem (Orlikowski, 2007) está alinhada à noção de criatividade como fenômeno distribuído e materialmente fundamentado (Glăveanu, 2014; 2020). Kim e Zimmermann (2021) argumentam que as práticas de engenharia são essencialmente criativas e sociomateriais, uma vez que resultam da adoção e externalização de ideias para resolver problemas, como evidenciado nas atividades realizadas pelas famílias investigadas. O caráter colaborativo dessas práticas é observado na interatividade sociomaterial cotidiana (Tanggaard, 2013; 2015), expressa pelas trocas constantes de ideias e ajustes nas práticas de aprendizagem informal.

Os fatores sociomateriais que moldam a experiência e a interação de turistas em espaços criativos são objeto de estudo de Tan, Tan, Luh e Kung (2015). Para os autores, há uma relação íntima entre pessoas e materialidade no processo de criatividade em contextos de turismo criativo. Entende-se por materialidade os artefatos e as condições físicas desses espaços. A investigação revela que a experiência turística é construída por um conjunto de atividades permeadas por agências humanas e não humanas. Assim, os autores destacam a complexidade das interações entre turistas, tutores e o ambiente físico, dado que diferentes agentes humanos percebem e lidam de forma distinta com as práticas sociomateriais.

Ainda assim, Tan et al. (2015) reiteram que a interação sociomaterial é parte essencial do processo criativo e, conseqüentemente, da experiência turística, compreendida como uma prática criativa sociomaterial cotidiana, tal como argumenta Tanggaard (2013). Este defende a compreensão da criatividade como um fenômeno comum, presente na vida cotidiana, que é, por natureza, sociomaterial.

A concepção de criatividade como um processo voltado à geração de ideias úteis (Amabile, 1996) tende a limitar a complexidade das práticas criativas cotidianas (Tanggaard, 2013). O foco exclusivo nos “gênios criadores” de produtos artísticos reconhecidos socialmente (como músicas, livros, filmes, etc.) empobrece a compreensão da criatividade como fenômeno social. Por isso, Tanggaard (2015) propõe o conceito de “caminhos criativos”, que amplia o olhar sobre esse fenômeno. Essa nova orientação rompe com abordagens hegemônicas na pesquisa sobre criatividade, cujo foco analítico recai sobre atributos, características ou habilidades de indivíduos e grupos, como no modelo componencial de criatividade proposto por Amabile (1982).

Ao lançar um olhar para os caminhos criativos no cotidiano, Tanggaard (2015) propõe que a criatividade seja entendida como algo comum e presente em ações sociais que nem sempre são reconhecidas como “criativas”. Essa abordagem enfatiza a interdependência entre vidas individuais, situações sociais e práticas socioculturais, contribuindo para um modelo de criatividade distribuído e orientado ao sistema, no qual mente e cultura se entrelaçam

(Glăveanu, 2014; Tanggaard, 2013), sem, no entanto, abandonar a relevância dos indivíduos como unidade de análise.

Se a criatividade é sociomaterial e cotidiana, como desconsiderar seus “caminhos criativos”? Como equilibrar nas pesquisas o papel dos artefatos com os dos atores humanos? O estudo de Anjo & Tureta (2022) ilustra essa dinâmica ao investigar o papel do roteiro em um curta-metragem. Os achados revelam o caráter distributivo do processo criativo entre humanos e não humanos, mostrando como o roteiro pode tanto potencializar quanto limitar a criatividade dos demais atores na produção cinematográfica.

Dentro da perspectiva da criatividade distribuída e de processos criativos situados (Glăveanu, 2014), Parolin e Pellegrinelli (2020) investigam a dimensão sociomaterial da criatividade no teatro. Assim como Anjo e Tureta (2022), os autores exploram o “laboratório criativo” como espaço de criação. Suas observações mostram o percurso do processo de ideação dos ensaios até as apresentações finais, evidenciando a composição do roteiro em articulação com o espaço, os corpos e os elementos que compõem a cena, os quais são sociomaterializados e estabilizados ao longo do processo artístico.

A abordagem sociomaterial tem se mostrado relevante, ainda que de forma incipiente, nos estudos sobre criatividade. Ao adotar essa perspectiva, torna-se possível aprofundar o olhar sobre as redes de conexões entre o social e o material, entre pessoas e artefatos, entre espaços físicos e virtuais, reconhecendo os aspectos relacionais das práticas sociomateriais.

Essas reflexões são reiteradas pelos estudos empíricos aqui apresentados. Contudo, o conjunto dessas pesquisas se integra não apenas pela articulação entre os campos da criatividade e da sociomaterialidade, mas também por suas escolhas metodológicas, preocupações ontológicas e éticas, e pela perspectiva dos(as) pesquisadores(as). Esses aspectos serão discutidos na próxima seção.

O Roskilde Festival, evento dinamarquês de música e artes, é objeto de estudo de Hvidtfeldt e Tanggaard (2018; 2019). Os autores observam que a relação entre músicos e instrumentos ocorre de forma interdependente, revelando que o processo criativo não deve ser compreendido de maneira isolada, mas como uma prática sociomaterial colaborativa.

No estudo complementar de 2019, os autores expandem a análise para além da relação músico/instrumento, entendendo o festival como um fenômeno organizacional emergente. Sua contribuição teórica reside na aproximação entre a criatividade como prática sociomaterial e a teoria da emergência. Para os autores, o processo criativo emerge por meio de redes temporais de conexão mediadas pela materialidade, envolvendo voluntários, músicos, público e organização. Essa dinâmica evidencia o caráter colaborativo e improvisado da criação musical.

A produção musical, aliás, tem sido um objeto relevante nos estudos da criatividade como prática sociomaterial. Gander (2015), por exemplo, investigou a produção musical em um estúdio de gravação pop, enfatizando a importância da materialidade, tanto tangível quanto intangível no processo criativo. Seu estudo reforça a necessidade de compreender o ambiente de criação de maneira integrada, indo além do físico e reconhecendo os aspectos efêmeros e sociais que compõem a prática criativa.

Os desafios da pesquisa sobre criatividade como prática sociomaterial são discutidos no tópico seguinte.

6. À Guisa de Conclusão: Desafios nas Pesquisas de Criatividade Organizacional para uma “Virada Sociomaterial”

Nos estudos sobre criatividade sob a ótica da sociomaterialidade, compreende-se que a prática criativa não ocorre sem a presença de atores humanos e não humanos, pois trata-se de

um fenômeno dinâmico, distribuído e situado, que pode assumir diversas possibilidades de ideias e ações criativas por meio de uma interação intrinsecamente sociomaterial.

Ao empregar uma perspectiva sociomaterial, com ênfase analítica na forma como artefatos são mobilizados nas atividades do cotidiano organizacional, este artigo busca demonstrar o potencial analítico dessas abordagens para examinar os processos criativos. Nessa articulação entre os campos, destacamos o movimento promovido pela psicologia sociocultural, especialmente a partir das contribuições de Glăveanu (2014) e Tanggaard (2013; 2015).

Como podemos dar voz aos objetos, artefatos, tecnologias e demais atores não humanos presentes na vida organizacional cotidiana? E, mais especificamente, como podemos dar voz às práticas sociomateriais nos processos criativos? O debate sobre o conceito de criatividade ganha nova relevância diante das alegações sobre o impacto da Inteligência Artificial (IA) nesses processos. Seria possível considerar a IA como um novo elo no sistema da criatividade? Em meio a esse cenário emergente, marcado por afirmações de que a IA pode ser criativa, Runco (2023) propõe a noção de criatividade artificial, diferenciando-a da criatividade humana.

Esses questionamentos são pertinentes para o avanço do diálogo entre MOS (Management and Organization Studies), criatividade e sociomaterialidade. O movimento de distanciamento em relação às visões tradicionais, aliado à aproximação com perspectivas pós-mentalistas e pós-humanistas, aponta para a necessidade de uma transformação no campo da pesquisa: uma "virada sociomaterial" nos estudos sobre criatividade.

Nesse sentido, propõe-se como agenda para estudos futuros a investigação do caráter dinâmico da criatividade distribuída e dos papéis dos atores não humanos. Esse movimento implica também em apontamentos metodológicos relevantes, uma preocupação já presente entre os pesquisadores engajados nessa mudança de paradigma (ver Tanggaard, 2015; Kimmel & Hristova, 2021). Torna-se necessário considerar os pressupostos ontológicos e epistemológicos que sustentam cada vertente da perspectiva sociomaterial (Barad, 2003; Orlikowski, 2007; Leonardi, 2013).

Tal abordagem contribui para evitar a negligência da "mudez" dos artefatos nos estudos sobre criatividade (Anjo & Tureta, 2022). No entanto, essa mudez não se restringe apenas aos artefatos, mas também aos próprios pesquisadores, que precisam se posicionar e reconhecer que fazem parte do processo criativo. O impacto de uma pesquisa não será determinado apenas pelas escolhas metodológicas, técnicas e análises realizadas, mas também pela consideração da inseparabilidade entre o pesquisador e a prática investigativa, que é, em si, sociomaterial (Hultin, 2019).

Conduzir uma pesquisa que aborde a criatividade sob uma perspectiva sociomaterial implica reconhecer essa inseparabilidade entre o pesquisador e o fenômeno investigado. Trata-se de um desafio para o desenvolvimento de novos estudos, sobretudo no que diz respeito às questões éticas envolvidas na explicação da realidade presente no cotidiano sociomaterial. Daí a importância de dar voz à materialidade e da urgência em desenvolver investigações com um olhar sociomaterial sobre os processos criativos.

Referências

- Amabile, T. (1982). Social Psychology of Creativity: A Consensual Assessment Technique. *Journal of Personality and Social Psychology*, 43, 997-1013.
- Amabile, T. M. (1996). *Creativity in context: Update to "The Social Psychology of Creativity."* Westview Press.

- Amabile, T. M., & Pratt, M. G. (2016). The Dynamic Componential Model of Creativity. *Research in Organizational Behaviour*, 36, 157-183. <https://doi.org/10.1016/j.riob.2016.10.001>
- Anjo, J. E. d. S., & Tureta, C. (2022). The sociomateriality of the creative process: Script roles in film production. *Journal of Creative Behavior*, 56(4), 566–583. <https://doi.org/10.1002/jocb.552>
- Anderson, N., Potočník, K., & Zhou, J. (2014). Innovation and creativity in organizations: A state-of-the-science review, prospective commentary, and guiding framework. *Journal of Management*, 40(5), 1297–1333. <https://doi.org/10.1177/0149206314527128>
- Barad, K. (2003). Posthumanist performativity: Toward an understanding of how matter comes to matter. *Signs: Journal of Women in Culture and Society*, 28(3), 801–831. <https://doi.org/10.1086/345321>
- Bouncken, R., Ratzmann, M., Barwinski, R., & Kraus, S. (2020). Coworking spaces: Empowerment for entrepreneurship and innovation in the digital and sharing economy. *Journal of Business Research*, 114, 102-110.
- Boxenbaum, E., Jones, C., Meyer, R. E., & Svejenova, S. (2018). Towards an Articulation of the Material and Visual Turn in Organization Studies. *Organization Studies*, 39(5-6), 597-616. <https://doi.org/10.1177/0170840618772611>
- Caves R. (2000) *Creative Industries*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Cohendet, P., & Simon, L. (2007). Playing across the playground: Paradoxes of knowledge creation in the videogame firm. *Journal of Organizational Behavior*, 28(5), 587–605. <https://doi.org/10.1002/job.460>
- Corazza, G. E., & Glăveanu, V. P. (2020). Potential in Creativity: Individual, Social, Material Perspectives, and a Dynamic Integrative Framework. *Creativity Research Journal*, 32(1), 81–91. <https://doi.org/10.1080/10400419.2020.1712161>
- De-Marchis, G. P., & Shchebetenko, S. (2024). Creativity Studies Within the European Union: A Bibliometric Analysis. *Creativity Research Journal*, 36(1), 116–137. <https://doi.org/10.1080/10400419.2022.2067961>
- Duff, C., & Sumartojo, S. (2017). Assemblages of creativity: Material practices in the creative economy. *Organization*, 24(3), 418-432. <https://doi.org/10.1177/1350508416687765>
- Elsbasch, K.; Stigiliani, I. (2018). Design Thinking and Organizational Culture: A Review and Framework for Future Research. *Journal of Management*, 44(6), 2274–2306.
- Feldman, M. S., & Orlikowski, W. J. (2011). Theorizing practice and practicing theory. *Organization Science*, 22(5), 1240-1253. <https://doi.org/10.1287/orsc.1100.0612>
- Gantert, T. M., Fredrich, V., Bouncken, R. B., & Kraus, S. (2022). The moral foundations of makerspaces as unconventional sources of innovation: A study of narratives and

- performance. *Journal of Business Research*, 139, 1564-1574. <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.10.076>
- Glăveanu, V. P. (2014). *Distributed creativity: Thinking outside the box of the creative individual* Cham, Switzerland: Springer.
- Glăveanu, V. P., Hanson, M. H., Baer, J., Barbot, B., Clapp, E. P., Corazza, G. E., ... & Montuori, A. (2019). Advancing creativity theory and research: A socio-cultural manifesto. *The Journal of Creative Behavior*, 54(3), 741-745.
- Glăveanu, V. P. (2014). Thinking through creativity and culture: Towards an integrated model (1st ed.). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315135625>
- Glăveanu, V. P. (2020). A sociocultural theory of creativity: Bridging the social, the material, and the psychological. *Review of General Psychology*, 24(4), 335–354. <https://doi.org/10.1177/1089268020961763>
- Glăveanu, V. P. (2021). *Creativity: A very short introduction*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/actrade/9780198842996.001.0001>
- Hultin, L. (2019). On becoming a sociomaterial researcher: Exploring epistemological practices grounded in a relational, performative ontology. *Inf. Organ.*, 29, 91-104.
- Hvidtfeldt, L. D., & Tanggaard, L. (2018). Concerted Creativity in the Digital Age: How do we Crack the Code...? *Integrative Psychological & Behavioral Science*, 52(4), 630-645. <https://doi.org/10.1007/s12124-018-9451-9>
- Hvidtfeldt, L. D., & Tanggaard, L. (2019). Creativity as a meaningful, socio-(im)material practice: The emergence of Roskilde Festival. *Culture & Psychology*, 25(4), 544-558. <https://doi.org/10.1177/1354067X18820653>
- Jarzabkowski, P., & Pinch, T. (2013). Sociomateriality is ‘the new black’: accomplishing repurposing, reinscripting and repairing in context. *M@n@gement*, 16(5), 579-592
- Jones, C., Svejenova, S., Pedersen, J. S., & Townley, B. (2016). Misfits, Mavericks and Mainstreams: Drivers of Innovation in the Creative Industries. *Organization Studies*, 37(6), 751-768. <https://doi.org/10.1177/0170840616647671>
- Kimmel M., Hristova D. (2021). The micro-genesis of improvisational Co-creation. *Creativity Research Journal*, 33(4), 347–375. <https://doi.org/10.1080/10400419.2021.1922197>
- Kimmel, M., & Hristova, D. (2021). The micro-genesis of improvisational co-creation. *Creativity Research Journal*, 33(4), 347–375.
- Latour B. (2005) *Reassembling the Social: An Introduction to Actor-Network Theory*. Oxford: Oxford University Press.
- Leonardi, P. M. (2013). Theoretical foundations for the study of sociomateriality. *Information and Organization*, 23(2), 59-76. doi:10.1016/j.infoandorg.2013.02.002

- Moher, D., Shamseer, L., Clarke, M., Ghersi, D., Liberati, A., Petticrew, M., Shekelle, P., Stewart, L. A., & PRISMA-P Group (2015). Preferred reporting items for systematic review and meta-analysis protocols (PRISMA-P) 2015 statement. *Systematic reviews*, 4(1), 1. <https://doi.org/10.1186/2046-4053-4-1>
- Moura, E. O., Bispo, M. S. (2019). Sociomateriality: theories, methodology, and practice. *Canadian Journal of Administrative Sciences*, 37(3), 350-365.
- Nørgaard, J. M., & Tanggaard, L. (2023). A new position: Creativity as ecological responsiveness. The sociomateriality of creativity - reviewed. *Culture & Psychology*, 0(0). <https://doi.org/10.1177/1354067X231219453>
- Orlikowski, W. J. (2007). Sociomaterial practices: exploring technology at work. *Organization Studies*, 28(9), 1435-1448. doi:10.1177/0170840607081138
- Parmiggiani, E. & Mikalsen, M. (2013). The facets of sociomateriality: A systematic mapping of emerging concepts and definitions. In M. Aanestad M. & T. Bratteteig (Eds.), *Nordic contributions in IS research. SCIS 2013: Lecture notes in business information processing* (Vol. 156, pp. 87–103). Springer. https://doi.org/10.1007/978-3-642-39832-2_6
- Panourgias, N.S., Nandhakumar, J. & Scarbrough, H. (2014). Entanglements of creative agency and digital technology: A sociomaterial study of computer game development. *Technological Forecasting and Social Change*, 83(1), pp. 111-126.
- Parolin, L. L., & Pellegrinelli, C. (2020). Unpacking distributed creativity: Analysing sociomaterial practices in theatre artwork. *Culture & Psychology*, 26(3), 434-453. <https://doi.org/10.1177/1354067X19894936>
- Roos, J., & Victor, B. (2018). How it all began: the origins of LEGO® Serious Play®. *International Journal of Management and Applied Research*, 5(4), 326-343.
- Runco, M. A. (2023). Updating the Standard Definition of Creativity to Account for the Artificial Creativity of AI. *Creativity Research Journal*, 1–5. <https://doi.org/10.1080/10400419.2023.2257977>
- Sawyer, R. K., & DeZutter, S. (2009). Distributed creativity: How collective creations emerge from collaboration. *Psychology of Aesthetics, Creativity, and the Arts*, 3(2), 81–92. <https://doi.org/10.1037/a0013282>
- Sternberg, R. J., Glăveanu, V., & Kaufman, J. C. (2024). In Quest of Creativity: Three Paths toward an Elusive Grail. *Creativity Research Journal*, 36(1), 155–175. <https://doi.org/10.1080/10400419.2022.2107299>
- Tan, S. K., Tan, S. H., Luh, D. B., & Kung, S. F. (2015). Understanding tourist perspectives in creative tourism. *Current Issues in Tourism*, 19(10), 981–987. <https://doi.org/10.1080/13683500.2015.1008427>
- Tanggaard, L. (2013), The sociomateriality of creativity in everyday life. *Culture and Psychology*, 19(1), 20-32.

Tanggaard, L. (2015), The Creative Pathways of Everyday Life. *J Creat Behav*, 49: 181-193.
<https://doi.org/10.1002/jocb.95>

Torraco, R. J. (2005). Writing Integrative Literature Reviews: Guidelines and Examples. *Human Resource Development Review*, 4(3), 356-367.
<https://doi.org/10.1177/1534484305278283>